

Jornalismo em tempo de pandemia: os novos formatos e os novos protagonistas da informação televisiva

Estrela Serrano

1. Introdução

A pandemia Covid-19 chegou oficialmente a Portugal no início de Março de 2020 com a notícia de que um médico de 60 anos que estivera de férias no norte de Itália e um homem de 33 anos que estivera em Espanha em trabalho, estavam infectados com Covid-19. A partir daí e durante vários meses a agenda jornalística tornou-se monotemática, dominada pela cobertura da pandemia. Com a declaração oficial nos meses de Março, Abril e Maio do “estado de emergência” seguido do “estado de calamidade”, os portugueses ficaram em casa e a televisão tornou-se o principal meio de procura de informação sobre a Covid19¹. A escala e a complexidade da crise — que afectou todos os aspectos da vida — colocaram desafios significativos aos jornalistas².

Este artigo analisa a cobertura televisiva nos primeiros três meses do surgimento da pandemia em Portugal no principal canal público de televisão — RTP1. A escolha da RTP deve-se ao facto de esta ser sucessivamente apontada em estudos de mercado como o canal de televisão em que os portugueses mais confiam³. De acordo com o relatório anual do Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo⁴, que analisa o trabalho dos órgãos de Comunicação Social em 40 países, o nível de confiança na informação em Portugal é dos mais elevados entre os países analisados (56%), destacando-se “uma alta dependência de notícias televisivas”, com a RTP a surgir como a marca com maior pontuação no índice de confiança. Tratando-se de uma televisão de serviço público a RTP está legalmente obrigada a privilegiar a qualidade da programação e da informação, sem cedências a critérios estritamente comerciais. Determinante para a escolha do canal público como objecto de análise foi também a acessibilidade proporcionada pela plataforma RTPplay⁵ na qual estão disponíveis todos os telejornais.

O enquadramento teórico e conceptual baseia-se em autores que exploraram análises da informação televisiva em catástrofes naturais, conflitos armados, actos de terrorismo (Altheide (1985, 2002, 2006); Wojcieszak (2009); Katz e Liebes (2007); Cottle (2014) e crises sanitárias (Kim, 2020); (Meijer, 2003); (Graddol, 1994); (Meinhof, 1994); (Griffin, 1992, 2010).

1 A semana em que foi declarado o Estado de Emergência (18 de Março) foi a que gerou mais audiências de televisão até essa data, num total de mais de 5,1 milhões de portugueses. Dados da Universal McCann (Diário de Notícias, 23/03/2020)

2 Num inquérito desenvolvido por investigadores da Universidade do Minho e do CINTESIS — Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde, aplicado a 200 jornalistas, editores, coordenadores e diretores de órgãos de comunicação social nacionais, 87% dos inquiridos apontaram o aumento da informação falsa como um dos problemas maiores com que se debateram (Público, 17/06/2020)

3 Projeto Estratégico 2018-2020, pág. 12. <https://cdn-images.rtp.pt/mcm/pdf/5f2/5f2d4699d08b425d7548b4a1fce9b39b1.pdf> (acedido em 06/08/2020)

4 <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report-2020-resumen-ejecutivo-y-hallazgos-clave>

5 <https://www.rtp.pt/play/p6559/Telejornal>

2. Estratégias metodológicas para análise da informação televisiva

A análise da informação televisiva pressupõe a compreensão e desconstrução dos elementos que a integram: mensagens sonoras, mensagens linguísticas (inscrites no écran), mensagens icónicas (imagens visuais fixas e em movimento) e a relação entre elas. Como refere Griffin (1992, p. 125), é necessário analisar a forma e a estrutura desses elementos e o modo como as imagens visuais que chegam aos públicos são organizadas, contextualizadas, complementadas, deslocadas e desenvolvidas. A literatura académica aponta dificuldades metodológicas na análise da dimensão visual, como justificação para o número limitado de trabalhos que contemplam essa dimensão que permanece menos desenvolvida do que os métodos e as técnicas de investigação da linguagem escrita e falada (Hansen e Cottle, 1998). A falta de um método alternativo à análise de conteúdo é apontada como tendo contribuído para a negligência da dimensão visual das notícias. Devido a dificuldades de operacionalização, os estudos que procuraram analisar a interação entre mensagens verbais e visuais são limitados a apenas algumas notícias (Davis e Walton, 1983; Graddol, 1994, Meinhof 1994). A complexidade da análise resulta em grande parte do facto de tudo o que é visto na televisão ser fruto de um complexo processo de mediação, além de um variado conjunto de tecnologias e artifícios. Um dos desafios colocados à análise das notícias televisivas é a relação entre imagens e palavras. Essa relação coloca diversas questões, entre as quais a prioridade de umas sobre outras e a autonomia de cada uma ou sua dependência recíproca. A discussão sobre qual a primeira função da imagem na informação televisiva — confirmar e apoiar o discurso verbal (Griffin, 1992) ou determinar o que é mostrado (Altheide, 1985) — ganha especial importância na cobertura televisiva de crises porque, como estes autores referem, a construção simbólica de segmentos de imagem e som presta-se a manipulações e mistificações. Durante a guerra do Golfo as imagens que chegavam aos media eram criadas e autorizadas pelo Pentágono (Bennett e Manheim, 1993; Griffin, 2010), numa espécie de “guerra de simulacros”, como lhe chamou Ramonet (1999, p. 49).

Hartley (1996, p. 43) chama a atenção para o facto de a informação televisiva ser produzida, em primeiro lugar, para “apresentação” e “visualização”. Para este autor, a forma de apresentação é o elemento essencial na produção da informação televisiva. Como também refere Ekström (2002, p. 265), o conhecimento produzido pela televisão é articulado visualmente. Em televisão o acesso a “boas imagens” condiciona a selecção da informação. É conhecida a frase “uma imagem vale mais que mil palavras”. Porém, os estudos académicos sobre a televisão concordam em geral que na informação televisiva a imagem funciona sobretudo como ilustração do discurso verbal. Outra característica apontada ao jornalismo televisivo é ser pensado para produzir uma impressão e uma compreensão imediatas. O que for dito ou mostrado tem de ser imediatamente compreensível. Daí que tenda a ser simplificador (Ekström, 2002). O jornalismo televisivo é, pois, directamente dependente das características

do meio. A espectacularidade ou o dramatismo de um acontecimento que envolva acção, conflito, escândalo, ritual, cor, constitui um “valor notícia”. Hansen e Cottle (1998) salientam o papel específico que a dimensão visual das notícias desempenha no envolvimento afectivo do telespectador, podendo operar independentemente ou em combinação com a dimensão escrita e verbal. Griffin (1992) identificou características comuns e consistentes nos formatos televisivos da cobertura da explosão do Boeing 203 da Avianca em 1989 e da invasão militar norte-americana do Panamá no mesmo ano, não obstante os materiais visuais envolvidos serem completamente distintos. Em ambos os casos foram usadas ilustrações metonímicas, excertos de imagens fragmentadas e *sound-bites* para representar uma extensa e complexa narrativa. Ambos se socorreram de preconceitos e ideias feitas, como personalização, dramatização, fragmentação e normalização. Ambos usaram imagens para conferir autenticidade, fornecer semelhança, corroborar informação ou evidência, fornecer transições ou continuidades. Porém a característica mais permanente identificada por Griffin no material analisado foi a construção de sintagmas visuais simbólicos (sequência de unidades visuais que se juntam para formarem um conjunto), prática que confere uma ideia de realidade quase inquestionável e legitima a autoridade do pivot e do repórter como árbitros dos “factos”.

Numa análise exploratória de conteúdo da cobertura da CNN, MSNBC e FOX News dos ataques terroristas de 11 de setembro e do furacão Katrina, Wojcieszak (2009) identifica três modos de transmissão de informações nas notícias de televisão: *imagens em movimento* (mensagens icônicas); *elementos textuais no écran* (mensagens linguísticas); *narração* (mensagens de áudio) e organiza-os em categorias: (redução de polissemia; obtenção de significado por meio de áudio; reforço; contextualização e aquisição de significado; contradição; simbolismo. Hansen e Cottle (1998) propõem quatro abordagens gerais para a análise da representação visual das notícias: *distorção*; *simbolismo*; *sistemas semióticos*; *garantia epistemológica*. Por seu turno, Meinhof (1994) adopta três tipos de interlações entre texto e imagem: *sobreposição*; *deslocamento*; *dicotomia*. Num estudo exploratório sobre metodologias para análise da relação entre as três dimensões da informação televisiva — imagens, mensagens linguísticas no écran e mensagens verbais — Serrano (2012), propõe seis categorias analíticas: *referencialização*; *predomínio do áudio*; *reforço mútuo*; *contextualização*; *contradição*; *simbolismo*. Estas abordagens metodológicas possuem grandes semelhanças e têm em comum a sua aplicação a um número limitado de notícias devido às dificuldades na sua operacionalização.

3. O “discurso do medo” nas notícias sobre a pandemia

Nas análises sobre mediatização de doenças infecciosas, um dos temas frequentemente mencionado é o medo e a ansiedade combinados com um certo fascínio pelas consequências que terão em todos os aspectos da vida em sociedade, desde o modo como as pessoas se

relacionarão entre si num mundo global, até às antevistas sobre o trabalho e o emprego. O “discurso do medo” (Altheide, 1997) está intimamente ligado à compreensão da globalização do risco e ao reconhecimento de que ameaças e perigos percebidos não conhecem hoje fronteiras. O terrorismo, a gripe aviária, os movimentos em massa de pessoas em resposta a crises humanitárias, os efeitos da poluição sobre as mudanças climáticas, mostram que o risco potencial viaja rapidamente. Os lugares estão mais intimamente conectados e, portanto, o medo também. Qualquer ilusão de segurança à distância foi destruída pela contínua compressão do tempo-espaço. Contudo, as análises realizadas sobre estes fenômenos têm esquecido o que acontece às pessoas no plano emocional (Ingram, 2008).

Altheide (1997) constatou que o uso repetido nas notícias de certos termos criando associações entre palavras e imagens visuais influencia o pensamento e a emoção. O autor identificou um “discurso do medo” implícito em formatos usados na organização e na forma de apresentação de notícias sobre crises. Altheide refere-se a formatos de comunicação que na cobertura de diversas crises de ordem social promoveram a consciência simbólica e a expectativa de que o perigo e o risco são uma característica central da vida quotidiana e acrescenta que em televisão, o tom, a ênfase, o estilo do apresentador são susceptíveis de provocar sensações de medo e ansiedade (Altheide, 1997). Para o autor, o discurso é mais do que falar e escrever, é uma maneira de falar e escrever.

A literatura sobre crises — atentados, desastres naturais, doenças infecciosas — salienta o papel da informação, nomeadamente televisiva, para a construção de um discurso público que reflete relações simbólicas sobre ordem, perigo e ameaça susceptíveis de serem exploradas pelos decisores políticos (Altheide, 2006). Enquanto fontes privilegiadas de notícias os decisores políticos podem moldar as percepções do público e promover a necessidade e a aceitação de medidas extraordinárias de controle e limitação das liberdades (Jackall, 1994), constituindo-se como atores significativos na definição dos problemas e das agendas políticas. Altheide (2002) identificou o uso extensivo do medo em notícias sobre crimes através de palavras como “risco”, “mortes”, “luta”, “guerra”, e Fowler (1994) cita a cobertura da infecção por salmonela nos jornais britânicos em 1988, em que o uso da “retórica da quantificação” e de palavras como “aumento”, “crescimento”, “exponencial”, foram usadas como estratégia discursiva para intensificar o que o autor chama de “histeria”. Uma constatação central da pesquisa sobre crises sobretudo ligadas ao crime é a de que o medo é ao longo do tempo associado a certos tópicos como se fosse um hífen invisível que através da repetição se torna implícito sem necessitar de ser declarado. Altheide (2002) e Furedi (1948-1997), apontam a continuidade entre os ataques de 11 de Setembro de 2001 e um histórico de denúncias de crimes enfatizando o medo e o controle social.

O medo está ligado a muitas outras questões na vida social, entre as quais as crises sanitárias. Os media, sobretudo a televisão, são um instrumento fundamental na criação de percepções. Num trabalho sobre a relação entre a exposição à televisão e o medo da gripe aviária

em 23 estados-membros da União Europeia, Bulck e Custers (2009) constataram que as pessoas que estiveram mais expostas a esse meio de comunicação eram as que expressavam os maiores níveis de ansiedade com o vírus. Recentemente, em Junho de 2020, num artigo realizado e publicado em plena expansão da pandemia Covid19 no Paquistão, Manzoor e Safdar (2020) analisaram a “cultivação do medo” (Gerbner, 1998) através dos media num questionário a 23 inquiridos de vários extractos sócio-económicos com o objectivo de identificarem a relação entre a percepção sobre a Covid 19 e o contexto socio-económico dos consumidores de media naquele país. O estudo concluiu que os media cultivaram o medo entre as pessoas de origem sócio-económica alta e média, por serem estas as que possuem maior exposição à informação, enquanto as pessoas da classe baixa não tinham medo do vírus porque o seu consumo de notícias é muito menor relativamente ao dos outros dois grupos.

4. A pandemia Covid 19 no *Telejornal*: Objectivos, metodologia e *corpus* de análise

A presente análise abrange notícias sobre a Covid19 no período temporal que vai desde o anúncio dos primeiros casos de infecção em Portugal — 2 de março de 2020 — ao dia em que o Governo aprovou a terceira e última fase do plano de desconfinamento — 29 de maio⁶. Com base nas cronologias disponibilizadas nos sítios electrónicos da Organização Mundial de Saúde (OMS), da Direcção-Geral de Saúde (DGS) e da Agência Lusa, foram seleccionados os telejornais emitidos nesse período nos dias em que as autoridades de saúde e ou o governo tomaram decisões com repercussão profunda no dia-a-dia dos cidadãos, num total de 11 telejornais emitidos nos meses de Março, Abril e Maio de 2020 (Quadro 1).

⁶ O plano de desconfinamento manteve restrições e regras especiais para a área de Lisboa, devido ao aumento de casos de covid-19.

Quadro 1: Telejornais analisados

Mês	Dia	Decisões relevantes	Link/Telejornal/RTP1
Março	2	Dois primeiros casos de infecção por Covid19 em Portugal	https://www.rtp.pt/play/p6559/e459434/Telejornal
Março	8	Presidente da República entra em confinamento	https://www.rtp.pt/play/p6559/e460558/Telejornal
Março	11	OMS declara Covid19 pandemia mundial	https://www.rtp.pt/play/p6559/e461239/Telejornal
Março	16	Primeira morte em Portugal por Covid19	https://www.rtp.pt/play/p6559/e462209/Telejornal
Março	18	PR decreta estado de emergência (1)	https://www.rtp.pt/play/p6559/e462562/Telejornal
Março	21	Primeiras infeções em lares	https://www.rtp.pt/play/p6559/e463025/Telejornal
Abril	2	Prolongamento do estado de emergência (2)	https://www.rtp.pt/play/p6559/e465063/Telejornal
Abril	10	Prolongamento do estado de emergência (3)	https://www.rtp.pt/play/p6559/e466469/Telejornal
Abril	30	Declaração do estado de calamidade	https://www.rtp.pt/play/p6559/e469982/Telejornal
Mai	15	Prolongamento do estado de calamidade	https://www.rtp.pt/play/p6559/e472806/Telejornal
Mai	29	Reabertura do desconfinamento exceto Lisboa	https://www.rtp.pt/play/p6559/e475411/Telejornal

Número total de infectados em Portugal até 29 de Maio: 31596; Total de óbitos até 29 de Maio: 1369. Fonte: DGS

A extensão do material seleccionado — cada *Telejornal* tem duração mínima de 60 minutos — e a natureza qualitativa da análise tornam impraticável observar detalhadamente todas as peças no âmbito de um artigo. A análise incide, pois, em peças dedicadas à Covid 19 em Portugal. O objectivo principal é analisar a relação entre as *mensagens sonoras*, as *mensagens textuais inscritas no écran* e as *mensagens visuais* como contributo para um melhor conhecimento dos processos de construção das notícias televisivas em situação de crise pandémica. Em particular, pretende-se apurar se, como afirma a literatura sobre a cobertura televisiva de outras crises, na cobertura da Covid19 coube essencialmente às palavras a função informativa e às imagens o apelo a sentimentos e emoções.

Como atrás se refere, a investigação académica mostra que numa situação de crise os media, nomeadamente a televisão, podem exacerbar sentimentos como o medo e a ansiedade (Altheide, 2006). Esta percepção tem sido mencionada entre nós por médicos e por outras

individualidades em declarações públicas a propósito da insistência das notícias em números de mortos e infectados por Covid19.⁷

No período abrangido pela amostra — os três primeiros meses (Março, Abril e Maio) após o surgimento da pandemia em Portugal — a Direcção-Geral da Saúde (DGA) promoveu conferências de imprensa diárias com a presença de um membro do governo, geralmente a ministra da Saúde ou um dos seus secretários de Estado, e um responsável das áreas relacionadas com a investigação da pandemia ou de áreas sociais. Destes encontros sai a maior parte da informação que alimenta os media nacionais, enquanto o sítio electrónico da DGS disponibiliza toda a informação gráfica e documental pronta a usar por jornais, rádios, televisões e respectivas edições digitais. A conferência de imprensa diária tornou-se uma imagem presente em todos os telejornais, conferindo grande protagonismo mediático à directora-geral e à ministra da Saúde (MS).

A operacionalização da análise passou pelo visionamento e decomposição das peças emitidas nos dias seleccionados (Quadro 1) sobre a COVID19 em Portugal, emitidas na primeira parte do *Telejornal*, isto é, desde a abertura até ao primeiro intervalo. As peças foram visionadas e organizadas em segmentos, fazendo corresponder a cada segmento de voz as respectivas imagens. Uma peça (ítem) é definida como o segmento de imagem e som entre duas aparições do pivot. A análise abrange, como referido, as componentes visual, sonora e textual. Na impossibilidade de inserir no artigo todas as imagens analisadas, considerou-se todavia útil apresentar algumas das consideradas mais expressivas para os objectivos da análise. As imagens são numeradas para facilidade de identificação.

O *Telejornal* possui um formato idêntico ao de outros blocos informativos nacionais e internacionais. A estabilidade e regularidade dos formatos informativos cria habituação, transparência e legitimação, ingredientes essenciais à existência e sobrevivência do meio. Para efeitos de análise, consideram-se elementos constitutivos do jornal televisivo, as *imagens visuais* (abrangendo cenários, fotografias, actores, logotipos, mensagens textuais inscritas no écran) e os *sons/áudio* (abrangendo voz *off*, música, discurso, ruído). Para a identificação e operacionalização da relação entre as imagens visuais e os elementos verbais e textuais (banda sonora/áudio) nas peças noticiosas sobre a Covid 19, aprofundam-se categorias analíticas de Meinhof (1994), Wojcieszak (2009) e Serrano (2010, 2012). O quadro 2 sumariza a definição das categorias analíticas.

⁷ “(...) Muitas limitações que nos são impostas (...) foram acatadas sem grandes problemas. O medo fez bem o seu trabalho”. José Gameiro, psiquiatra. “Diário de um psiquiatra. O medo”. *Expresso Revista*, 01/08/2020, pág. 161. “(...) As pessoas que ficaram em casa acabaram por sofrer mais porque ver o *Telejornal* era um massacre”. Roberto Roncon, Coordenador do Centro de Referência de ECMO do Centro Hospitalar Universitário de São João. Entrevista ao semanário. *Expresso online*. 24/06/2020. “(...) O medo é inconsciente”. Carlos Alves, médico internista no Hospital Amadora-Sintra. Entrevista ao *Expresso*, 22/08/2020. “(...) O medo fez com que os profissionais estivessem em alerta constante (...)”. Nuno Deuza, director clínico do Centro Hospitalar e Clínico de Coimbra. *Expresso*, 05/09/2020 p. 18 (1.º caderno). “(...) há toda uma gestão da ansiedade e do medo a que é preciso atender” (secretário de Estado da Saúde, a propósito dos receios dos pais na reabertura das aulas.” *Expresso* 12/09/2020, p.6 (1.º caderno)

Quadro 2: Categorias analíticas

Categorias analíticas	Definição
<i>Referencialização</i>	Refere-se ao valor informativo da imagem. É uma <i>referencialização fraca</i> quando as imagens acrescentam pouco valor informativo à informação verbal ou são tautológicas. É uma <i>referencialização nula</i> quando as imagens não possuem qualquer valor informativo
<i>predomínio do áudio</i>	Quando as imagens possuem <i>referenciação fraca</i> ou <i>nula</i>
<i>reforço mútuo</i>	Quando um dos elementos – imagem, mensagens linguísticas no écran, ou discurso áudio – reforça ou amplifica a informação contida noutro ou noutros, orientando a leitura
<i>contextualização</i>	Quando são as mensagens linguísticas no écran que fornecem contexto e sentido à informação
<i>contradição</i>	Quando um dos elementos – imagens visuais ou discurso áudio – contradiz, retira ou diminui o sentido de outro ou de outros elementos
<i>simbolismo</i>	Quando mensagens linguísticas em forma de <i>slogan</i> , inscritas no écran ganham primazia sobre o discurso áudio

Adaptado de Meinhof (1994), Wojcieszak (2009) e Serrano (2012)

5. Análise das peças

Dia 2 de Março de 2020



“Boa noite, o vírus chegou! Há 2 casos de infecção pelo novo coronavírus. São homens de 33 e 62 anos de idade e estão em isolamento nos hospitais de S. João e Sto. António no Porto.” Foi assim a abertura do *Telejornal* (1). O pivot no palco em pé frente a um grande ecrã onde estão inscritos os números da pandemia repete a mensagem textual do quadro reforçada pelo tom enfático das suas palavras e do seu rosto de sobrolho franzido, denotando preocupação. É uma relação de reforço mútuo e sobreposição. Em seguida, o pivot sai do ar e surge a imagem de dois idosos cujo rosto não é visível, de costas, entrando num edifício (2). A voz *off* refere: “dois resultados positivos colocaram Portugal na lista de países confirmados com casos a nível europeu com o novo coronavírus”. A imagem e o áudio possuem referênciação fraca,

quase nula. A relação entre ambos reside apenas no número “dois”. Os planos seguintes são do mesmo edifício em plano afastado, pessoas caminhando na rua, planos de corte e outras imagens com referência fraca relativamente ao áudio e desprovidas de valor informativo.

“Um homem de 33 anos é outro caso de Covid19” anuncia a voz *off* depois de um pequeno excerto da conferência de imprensa diária da DGS em que a ministra da Saúde informa que o estado do novo infectado “é estável” e a voz *off* dá pormenores dos movimentos deste infectado. Uma imagem gerada por computador e o texto do rodapé reforçam a informação (3).



(3)



(4)

Nos planos seguintes a DGA e a ministra da Saúde dão nota das diligências realizadas para identificar os contactos dos infectados, após o que em *off* o repórter salienta a importância da linha Saúde24 como “principal ponto de triagem”. Sobre imagens desta linha, a mensagem textual no rodapé dá o contexto. A peça encerra com a imagem de um balde com esfregona no chão de um hospital (4) sem relação com a mensagem áudio do *off* (referência nula).

A estrutura desta primeira peça reproduz no essencial o modelo da generalidade das peças analisadas. As reportagens referem apenas elementos factuais sem intervenção de comentários ou análises. As fontes identificadas são apenas as entidades oficiais da saúde — ministra e Directora-Geral. São estas também as protagonistas da peça. Trata-se, aliás, dos únicos planos, juntamente com o pivot no palco, em que imagens e sons estão directamente ligados numa relação de sobreposição e reforço. Na grande maioria das sequências a referência entre imagens e áudio é fraca ou nula com as imagens funcionando num nível de abstracção formal distante dos acontecimentos aos quais é suposto reportarem. No áudio que acompanha o plano (4) não há qualquer referência verbal a cuidados de limpeza que remetam para a imagem do balde. Contudo, este segmento, o último desta peça antes da ligação ao pivot, é o único em que a imagem do balde com etiqueta a descrever o seu conteúdo — “lixívia, 5 litros de água+25 pastilhas”, contém informação própria e nova, isto é, a imagem “fala” por si: informa sobre os cuidados na higiene do chão.

As peças seguintes continuam dedicadas à pandemia e preenchem toda a primeira parte do *Tejornal* com duração de 23’28”. O primeiro-ministro (PM), o Presidente da República (PR) e a ministra da Saúde (MS), esta entrevistada pelo pivot em directo, são os protagonistas principais.

Dia 8 de Março de 2020: A abertura do TJ segue o padrão visual do início da pandemia: o pivot em pé no palco frente a um grande cenário com os números de infectados, passa em seguida à notícia do dia: “Presidente da República suspendeu toda a agenda oficial...” “...” mais de 15 mil alunos não vão ter aulas presenciais”, anuncia, reforçando as imagens visuais. O tom é quase alarmista, reforçado pela mensagem textual no écran “Presidente em isolamento”.



(5)



(6)

Seguem-se notícias sobre a rede de transmissão do vírus, uma intervenção da DGS e uma imagem gerada por computador esquematizando a rede de contágio. Imagens dos hospitais de campanha e declarações beves do PM. Há nesta sequência de imagens e nas palavras “infectados”, “isolamento” (5) “suspendeu agenda”, “escolas fechadas” (6), sublinhadas com ênfase pelo pivot, seguidas do anúncio de “16 milhões de infectados em Itália” com imagens desoladoras de ruas vazias, um tom emocional e alarmista susceptível de criar sentimentos de medo e ansiedade (Altheide, 2002).

Dia 11 de Março de 2020: “Boa noite. Estamos em pandemia. A Organização Mundial de Saúde declarou a Covid19 como pandemia mundial”. Era a notícia do dia e abriu o *Telejornal*. No palco, frente ao quadro, o mapa mundo cravado de pontos vermelhos assinala as áreas onde a pandemia se espalhou. Logo a seguir, planos de sala de cuidados intensivos de um hospital (não identificado) (7) onde pessoal hospitalar completamente equipado, rodeia camas de pessoas infectadas e, noutra plano (8), pessoal igualmente equipado desce as escadas de um avião com caracteres chineses visíveis.



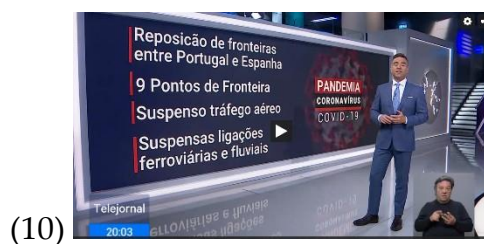
(7)



(8)

Em declarações solenes, o director-geral da OMS alerta para os riscos e para a necessidade de protecção contra a pandemia. Não há uma relação directa entre as imagens do pessoal vestido com equipamentos de protecção contra o vírus e as palavras ditas, mas a relação é simbólica. As imagens de doentes em camas com os rostos escondidos por tubos surgem como assustadoras. Há um medo implícito em toda a sequência. Em seguida, novo plano do palco dá nota do número de infectados. Dir-se-ia que o objectivo é levar o telespectador a fixar os números e sobretudo as palavras ditas e inscritas no quadro gigante: “Infectados”, “Mortos”, “em cuidados intensivos” e, em telejornais posteriores, “Recuperados”. Um repórter no exterior anuncia reunião de “muitas horas” criando expectativa para o anúncio das restrições feito a seguir pelo PM.

Dia 16 de Março de 2020: O pivot entra no palco e, em tom enfático e alarmista, anuncia a “primeira vítima mortal em Portugal; um homem...”. No ecrã, a mensagem linguística “1 MORTO” (em maiúsculas) (9) ocupa 2/3 do ecrã, reforçando o choque inicial da frase do pivot “primeira vítima”.



Mais adiante no alinhamento, o Ministro da Administração Interna anuncia o fecho de fronteiras e interrupção de ligações aéreas e vias férreas. Novamente o pivot e as mensagens linguísticas inscritas no ecrã (10) funcionam em *reforço* e *sobreposição* das palavras do ministro.

Dia 18 de Março de 2020: Este foi o dia da declaração do primeiro estado de emergência. Inscrita no ecrã em letras garrafais sob fundo amarelo (11), a mensagem textual sobrepõe-se ao anúncio do pivot. No rodapé da imagem seguinte — repórter com Palácio de Belém em fundo (12) — a mensagem textual anuncia: “Presidente fala ao País”. Trata-se de dois segmentos em que as mensagens linguísticas inscritas no ecrã se sobrepõem ao áudio e às mensagens visuais.



(11)



(12)

O discurso do Presidente, emitido em directo, é pleno de palavras e expressões de choque, em que “guerra” é a mais citada. Expressões como “tempo excepcional”, “teste nunca vivido”, “desafio enorme”, “combate duro e longo”, “tarefa hercúlea”, “pessoas ansiosas e angustiadas”, “combate diário,” “inimigo invisível” percorrem o texto e associadas às mensagens precedentes deixam um rasto de angústia e medo.

Dia 21 de Março de 2020: É o dia em que as infecções nos lares chegam ao *Telejornal*. Não é notícia de abertura (não se antevia ainda o drama que aí viria). Na abertura, o cenário é o habitual: estatísticas da pandemia em Portugal e pivot no palco salientando o aumento do número de mortos. No quadro do palco, dividido ao meio, vão passando imagens desoladoras das cidades de Lisboa e do Porto com ruas e praças vazias. Pequenos excertos de declarações da ministra da Saúde e da DGA na conferência de imprensa diária intercalam com imagens hospitalares de pessoal médico e de enfermagem equipado junto de camas com doentes. Em rodapé, mensagens linguísticas fixam algumas das frases do áudio ditas em *off*. Segue-se uma peça sobre os procedimentos internos do governo (13) na fase de confinamento requerida pelo estado de emergência. A mensagem textual no rodapé resume o áudio dito pela pivot.



(13)



(14)

Volta o quadro do palco (14) com os números da pandemia, primeiro em Itália e depois em Espanha. É um desfile de mortos e infectados, enfatizados pelo tom da pivot. De Itália vemos um desfile de camiões que o *off* diz serem de cadáveres. Num flash visual surge um “forno crematório” (15) enquanto uma médica (ou enfermeira) italiana diz: “é muito perigoso, é uma catástrofe, um tsunami”. Nas imagens de Espanha (16) um sem-abrigo revista um caixote do lixo à procura de comida.



No palco, mensagens linguísticas no ecrã sobre as medidas do estado de emergência reforçam as palavras da pivot em reforço e redundância. Vários planos do PM com excertos das suas declarações sobre o estado de emergência intercalam com planos de corte de imagens sem relação com as suas palavras, enquanto mensagens linguísticas no ecrã dividido ao meio informam sobre “o que fica fechado e o que fica aberto” (17). A voz *off* alerta: “Não esqueça saia só mesmo quando necessário”. A pivot volta e refere: “o PM disse que os próximos meses vão ser muito duros” (18).

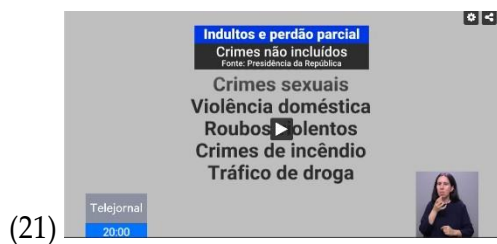


Dezasseis minutos após o início do *Telejornal*, surge a notícia das primeiras infeções em lar de Idanha (Sintra), depois em Santarém e no Porto. A pivot cita o caso de um destes lares onde só após 10 dias uma pessoa infectada foi retirada do espaço. “A senhora faleceu no dia seguinte”, diz. Imagens de pessoas em cadeiras de rodas (sem exposição do rosto) (19) ou caminhando com apoio de terceira pessoa ou simplesmente a figuração metonímica do idoso através de uma bengala (20) remetem para uma realidade que a pandemia desocultou.



Dia 2 de Abril de 2020: O presidente prolonga o estado de emergência. O plano inicial do *Telejornal* reproduz a imagem do anterior estado de emergência (11) seguida de uma ligação directa ao Palácio de Belém para o discurso do PR. Ao longo da leitura, em directo e na íntegra, mensagens textuais no ecrã reforçam as suas palavras. O discurso retoma o tom grave do anterior, embora menos dramático. Expressões de elogio e incitamento aos portugueses como “causa nacional”, “unidos e solidários”, “coragem serena”, “maior desafio”, alternam com alertas sobre “adversário insidioso e imprevisível”, “combate da vida e da saúde”, “da economia e da sociedade” e chamadas de atenção para que no “mês crucial de Abril”, “não troquemos uns anos na vida e na saúde de todos, por uns dias de férias [da Páscoa].” Mensagens visuais, verbais e textuais estabelecem entre si uma relação de sobreposição e reforço”. Seguem-se as “medidas extraordinárias” anunciadas pelo PM. O tom e o estilo são mais informais e menos dramáticos apesar das medidas anunciadas serem drásticas. Na faixa inferior do ecrã, mensagens textuais pontuam as palavras do PM. A primeira parte do *Telejornal* encerra com notícias de números de mortes e infecções no resto da Europa e nos EUA.

Dia 10/04/2020



“Marcelo Rebelo de Sousa quer estado de emergência até 1 de Maio. O Presidente diz que o país não pode brincar em serviço no momento decisivo da pandemia”, refere o pivot no início do *Telejornal*, passando em seguida para as medidas destinadas a reclusos nas prisões portuguesas. Novamente as mensagens textuais enchem o ecrã (21) aqui sem a imagem do pivot, intercalando com planos de prisões e a imagem e voz *off* e *on* do Presidente. Há uma relação de reforço e redundância entre o texto, o áudio e a imagem visual. O pivot regressa com o quadro habitual (22) dos novos infectados e logo a seguir, dos mortos. Segue-se intervenção do presidente do Infarmed sobre “reserva de medicamentos” e da DGS sobre o uso de máscaras na conferência de imprensa diária. Na peça seguinte o tema é o plano dos apoios financeiros saído da reunião dos ministros das finanças europeus (ECOFIN). Imagens de arquivo (anteriores reuniões) servem de planos de corte às declarações do Presidente do grupo, Mário Centeno. PM e partidos comentam o plano e o pivot volta ao ecrã com mais números e dados no quadro habitual.



Abruptamente, o quadro do palco exhibe estradas vazias (23) porque “é sexta-feira santa” diz o pivot. Mais estradas desertas, ruas e terminais de estações ferroviárias vazias são as imagens seguintes comentadas por um guarda da GNR. “Imagens nunca vistas”, “governo restringiu circulação como nunca o fez em democracia”, diz a voz *off*, acentuando a excepcionalidade do momento. Depois de um conjunto de peças sobre a situação de outros doentes que sofreram atrasos nos seus tratamentos, surgem reportagens sobre o coronavírus na Europa e no mundo com imagens chocantes de valas nos EUA (24), intervenções dos correspondentes da RTP nesses países e imagens da via sacra e da Praça de S. Pedro, em Roma, deserta. Para a 2.^a parte, o *Telejornal* guardou as reportagens mais longas e impressionantes. Sob títulos referenciais em rodapé, como “os mais graves da Covid” ou “última linha de cuidados” (25) (26) surgem imagem dos cuidados intensivos do hospital de S. João e depoimentos de médicos.

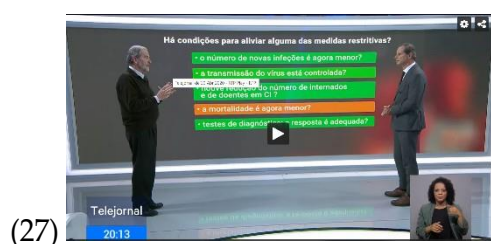


São imagens marcantes pelo pormenor e pelo ritmo com que se sucedem. No rodapé as mensagens textuais não aliviam a percepção de medo e ansiedade. Há uma relação de reforço entre imagens visuais, mensagens verbais e textuais.

Na peça seguinte o pivot anuncia que “um lar em Oliveira do Douro tem quase todos os doentes infectados”, “os funcionários sentem-se abandonados e pedem ajuda”, “a situação estende-se a outros lares do País”. O *off* do repórter anuncia que “uma voluntária decidiu entrar no lar para cuidar do pai e pede ajuda”, ouvindo-se em seguida outra voz gravada em telemóvel: “estamos a ser abandonados”, os “funcionários estão a cair para o lado”. Logo a seguir a directora do lar, em *off* desmente a voluntária. Seguem-se informações sobre outros lares onde responsáveis dão conta da falta de meios e de recursos humanos. Não há nesta

peça imagem dramáticas, apenas as fachadas dos prédios e uma ou outra maca. É o áudio e as mensagens textuais no ecrã que dão nota das mortes e do sofrimento. É uma *referencialização fraca* em que as imagens acrescentam fraco ou nulo valor informativo à informação verbal.

Dia 30 de Abril de 2020: O *Telejornal* começa com o pivot a anunciar que o PM dará uma entrevista à RTP “daqui a cerca de meia hora”. Surgem imagens da residência oficial do interior da sala onde terá lugar a entrevista. A seguir, o anúncio de que o estado de emergência passa a estado de calamidade a partir do 3 de Maio. No palco, o pivot anuncia as “novas regras” através de imagens textuais sucessivas no quadro gigante. O PM explica algumas dessas medidas e dramatiza: “nunca terei vergonha ou qualquer reboço de dar um passo atrás se isso for necessário para assegurar esse bem essencial que é a segurança dos portugueses”. Imagens de ruas e de espaços desertos, não identificadas, alternam com imagens do PM a falar das medidas e o pivot no palco repete as medidas inscritas no quadro. Essas imagens não possuem qualquer valor informativo, algumas são contraditórias como é o caso dos “espaços nocturnos” em que o áudio fala de restrições ou proibições e as imagens mostram concentração de pessoas sem qualquer protecção. O infeciologista Silva Graça (29) “comentador do *Telejornal* para a pandemia”, comenta as estatísticas da doença e responde a perguntas do pivot.



Dia 15 de Maio de 2020: neste dia o PM anunciou o prolongamento do estado de calamidade. O *Telejornal* deteve-se na “abertura das praias” com ecrã repartido (30) entre imagens de praias e mensagens textuais de excertos das declarações do PM sobre medidas restritivas. A reabertura dos lares de idosos surge apenas na 2.^a parte do *Telejornal* (29). São ouvidos alguns familiares de idosos e responsáveis que exprimem reservas e consideram a decisão precoce.



Dia 29 de Maio de 2020: o Telejornal começa com as medidas do plano de desconfinamento resumidas no habitual quadro do palco e ditas pelo pivot que realça a excepção da situação do distrito de Lisboa ao qual essas medidas não se aplicam. Pequenos excertos de declarações do PM repetem o esquema de telejornais anteriores. Seguem-se os números da pandemia em Portugal e excertos da conferência de imprensa diária da DGS com comentário do infectologista Silva Graça que se tornou um protagonista frequente juntamente com a ministra da Saúde e responsáveis da DGS. Segue-se peça sobre os transportes públicos (30) e uma outra sobre o desconfinamento do Presidente da República com máscara e luvas numa livraria.

Neste dia, tal como nos anteriores analisados, a dimensão global da pandemia esteve presente com reportagens sobre países com maior número de mortes e infecções, através dos seus correspondentes, destacando-se Espanha, Itália, Reino Unido, EUA e Brasil.

6. Síntese conclusiva

A análise realizada permite concluir que as peças sobre a pandemia possuem uma estrutura constante, o que não constitui novidade ou originalidade, devendo-se à necessidade de criar habituação e previsibilidade para fidelizar audiências. Contudo, em contexto de pandemia a insistência nas mensagens textuais inscritas no ecrã, e o uso sistemático da “retórica da quantificação” (Fowler (1994) reforçam implicitamente a ansiedade e o “discurso do medo” que a investigação académica identificou noutras situações de crise. O medo e a ansiedade provocados pela pandemia foram citados por especialistas de saúde mental em diversos contextos: medo do vírus, medo de ser contagiado ou de contagiar a família, medo de perder o emprego, medo da crise económica.

Para facilidade de exposição sistematizam-se as principais conclusões:

a) Sobre a relação entre imagens visuais, mensagens textuais e mensagens verbais a análise identificou:

- A presença insistente de mensagens textuais inscritas no ecrã e no rodapé como *reforço* e *sobreposição* ou *redundância* relativamente às palavras do pivot e da voz *off*.
- Em muitos planos a *referencialização fraca* ou *nula* de grande parte das imagens visuais relativamente às mensagens verbais.
- A *dicotomia* e *contradição* entre imagens visuais (de arquivo) e a banda sonora, de que são exemplo peças em que se fala de distanciamento e do uso de máscara e as imagens mostram aglomerações de pessoas sem qualquer protecção.
- A função de *enquadramento* e *contextualização* desempenhada por mensagens textuais inscritas no ecrã ou no rodapé.

- A *simbologia* entre imagens visuais e mensagens verbais (no caso da imagem da bengala quando o áudio fala de idosos, ou as imagens de valas comuns quando se fala de incapacidade para sepultar os mortos).

b) Sobre protagonistas e fontes da informação, destacam-se:

- O primeiro-ministro como protagonista e actor significativo na definição dos problemas e da agenda política, fonte privilegiada de notícias moldando as percepções do público e promovendo a necessidade e a aceitação de medidas extraordinárias de controle e limitação da liberdade, decorrentes do estado de emergência.
- O Presidente da República nos discursos de declaração do estado de emergência, emitidos em directo e na íntegra, e, pontualmente, em peças mais personalizadas e sensacionalistas como as do seu isolamento em quarentena.
- O predomínio de fontes oficiais da Direcção-Geral da Saúde personalizadas na Directora-Geral e nos governantes que tutelam o sector — a ministra e o secretário de Estado da Saúde — com presença em todos os telejornais analisados, para além de responsáveis de organismos e instituições ligadas à saúde.
- A presença dominante, em palco e em directo, do infecciologista Silva Graça na desconstrução dos dados estatísticos sobre a pandemia.
- A presença de especialistas nas áreas ligadas à pandemia — infecciologistas, virologistas, pneumologistas, internistas — ouvidos quer em ambiente hospitalar, no decorrer de reportagens, quer em debates no final do *Telejornal*.
- A ausência quase absoluta dos partidos da oposição nas peças analisadas.
- A ausência de análise e comentário político por parte de comentadores externos nas peças analisadas⁸.
- A presença da dimensão global da pandemia com notícias desenvolvidas sobre países com maior número de mortes e infecções, destacando-se o facto de a RTP ter assumido assim uma das principais obrigações do serviço público, isto é, a cobertura própria de acontecimentos internacionais (a RTP fez deslocar a sua correspondente em Paris para países onde a pandemia se revelou mais dramática, como Itália e Reino Unido, mantendo os seus correspondentes nos EUA, Brasil e Espanha em contacto quase diário).

⁸ O canal de informação da RTP, a RTP3, conferiu largo espaço à análise e ao comentário dedicados à pandemia com a presença de autoridades da área da saúde a nível oficial, académico, profissional (sindicatos e Ordem dos Médicos) ou individual.

c) Sobre sinais susceptíveis de induzirem sentimentos de medo e ansiedade, destacam-se os seguintes:

- A exibição diária do quadro gigante no palco, com número de infectados e mortos, numa insistente “retórica da quantificação” (Fowler, 1994).
- As imagens de ruas, praças e cidades vazias durante o confinamento.
- A presença frequente de imagens hospitalares onde médicos e enfermeiros cobertos de máscaras, filtros e outros materiais protectores — figuras de branco sem rosto visível — rodeavam camas onde pessoas infectadas cobertas de tubos ligados a máquinas se debatiam entre a vida e a morte.
- A associação de palavras nos discursos oficiais, nomeadamente nas declarações do estado de emergência, e as imagens intercalares com ou sem relação com as mensagens áudio.
- O tom, a ênfase e o estilo, muitas vezes alarmista, dos pivots.

Referências bibliográficas

- Altheide, D. (1985). *Media Power*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Altheide, D. (1997). "The News Media, the Problem Frame, and the Production of Fear". *The Sociological Quarterly*, Vol. 38. (N. 4), pp. 647-668.
- Altheide, D. L. (2002). *Creating fear: News and the construction of crisis*. Hawthorne, NY: Aldine de Gruyter.
- Altheide, D. "Terrorism and the politics of fear". (2006). *Cultural Studies Critical Methodologies*, Vol. 6. (N. X). pp.1-25. DOI: 10.1177/1532708605285733 2006
- Bennett W. L. & Manheim, J. B. (1993). "Taking the Public by Storm: Information, Cuing, and the Democratization Process in the Gulf Conflict", *Political Communication*, Vol. 10. (N.4).
- Bulck J. Van der & Custers K. (2009). "Television exposure is related to fear of avian flu, an ecological study across 23 member states of the European Union". *European Journal Public Health*. Vol. 19, (N. 4). pp.370-374. London: Oxford University Press.
- Cottle, S. (2014). "Rethinking media and disasters in a global age: What's changed and why it matters". *War & Conflict* 2014, Vol. 7 (N.1). pp. 3-22. DOI: 10.1177/1750635213513229
- Davis & Walton. (1983). "Death of a Premier. Consensus and Closure in International News". In H. Davis and P. Walton (eds). *Language, Image, Media*, pp. 8-49. London: Blackwells.
- Ekström, M. (2002). "Epistemologies of TV journalism — a theoretical framework". *Journalism*. Vol.3 (N. 3). pp. 259-282. Sage Publication.
- Fowler, R. (1994). "Hysterical Style in the Press". In D. Graddol and O. Boyd-Barrett (eds) *Media Texts—Authors and readers*. pp 90-99. (Clevedon: AI Multilingual Matters in Association with The Open University).
- Furedi, F. (1948-1997). *Culture of fear: Risk-taking and the morality of low expectation*. Frank Furedi. London: Cassell.
- Gerbner, G. (1998). "Cultivation analysis: An overview". *Mass communication and society*, Vol. 1 (N.3-4). pp 175—194. DOI: 10.1080/15205436.1998.9677855
- Graddol, D. (1994). "The Visual Accomplishment of Factuality". In D. Graddol and O. Boyd-Barrett (eds) *Media Texts—Authors and readers*. pp. 136-161. Clevedon: AI Multilingual Matters in Association with The Open University.
- Griffin, M. (2010). "Media images of war". *Media, War & Conflict*. Vol. 3 (N.1). pp. 7-41. DOI: 10.1177/1750635210356813
- Griffin, M. (1992). "Looking at TV news: Strategies for research". *Communication*. Gordon and Breach Science Publishers S. A. Vol. 13. pp. 121-141
- Hansen, A. e Cottle, S. (1998). "Analysing Visuals: Still and Moving Images". DOI: 10.1007/978-1-349-26485-8_
- Hartley, J. (1996). *Popular Reality: Journalism, Modernity, Popular Culture*. London: Arnold.
- Ingram, A. (2008). "Pandemic Anxiety and Global Health Security". In Pain R and Smith SJ (eds.). *Fear: Critical Geopolitics and Everyday Life*. Aldershot: Ashgate. pp. 8.
- Jackall, R. (ed.). (1994). *Propaganda*. New York: New York University Press.
- Katz & Liebs (2007) "'No More Peace!': How Disaster, Terror and War Have Upstaged Media Events". *International Journal of Communication*. Vol. 1. pp. 157-166.
- Kim, Y. (2020). "Outbreak news production as a site of tension: Journalists' news-making of global infectious disease". *Journalism* pp. 1-18. Sage publications. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1464884920940148> acedido em 02/09/2020.
- Manzoor, S. & Safdar, A. (2020) "Cultivation of Fear Through Media: Analysis to Reveal Relationship between Perception about COVID 19 and Socio-economic Background of Media Consumers". *Review of Economics and Development Studies*, Vol. 6. (N. 2). pp. 317—328. file:///C:/Users/estre/Documents/Artigo%20Covid%2019/cultivation-of-fear_5ef38bb8e74a6.pdf acedido em 20/08/2020.
- Meijer, C. (2003). "What Is Quality Television News? A plea for extending the professional repertoire of newsmakers". *Journalism Studies*. Vol. 4 (N.1). pp. 15-29. DOI: 10.1080/14616700306496
- Meinhof, U.H. (1994). "Double talk in news broadcasts: A cross-cultural comparison of pictures and texts in television news". In Graddol D., Boyd-Barrett O. (eds.). *Media texts: Authors and readers*. Clevedon: pp 212-223.
- Ramonet, I. (1999). *A Tirania da Comunicação*. Campo dos Media.
- Serrano E. (2012). "Alguns pressupostos teóricos para uma análise do jornal televisivo". In Cunha, I., Cabrera, A., Sousa J.P. (orgs.). *Pesquisa em media e jornalismo — Homenagem a Nelson Traquina*. pp. 215-233. LabCom. ISBN: 978-989-654-094-4. pp. 215-233
- Serrano, E. (2010). "A Campanha Presidencial de 2001 na televisão revisitada". In *Pesquisa sobre o Jornalismo Português: O Passado e o Presente* (Nelson Traquina, org.) Lisboa. Livros Horizonte.
- Stein, S. R. (2001). "Legitimizing TV journalism in 60 Minutes: The implications of subordinating the visual to the primacy of the word". *Critical Studies in Media Communication*. Vol. 18. pp. 249-69.
- Wojcieszak, M. (2009). "Three Dimensionality: Taxonomy of Iconic, Linguistic, and Audio Messages in Television News". *Television & New Media*. Vol. 10. (N. 6). DOI: 10.1177/1527476409343798